

## MONUMENTOS EVOCATIVOS E ORNAMENTAIS DE VIANA

Por ANTÓNIO DE CARVALHO<sup>1</sup>

É por demais conhecido que a notável história desta maravilhosa cidade de beleza inconfundível que é Viana do Castelo, está relacionada, desde os tempos primordiais, com o labor marítimo e mercantil. Localizada na foz do Lima, Viana ficou secularmente identificada com o Mar e o Rio, já que estas valências naturais foram de crucial importância para a história do seu desenvolvimento verificado com as actividades marítimas e de comércio de longa distância.

De facto, a constante identificação de Viana com o Mar é de primordial importância na constituição da gloriosa História da cidade de Viana do Castelo que, precisamente fruto dessas actividades marítimas e de comércio de longo curso, deixou as suas marcas no tipo de património adquirido, cheio de ricas preciosidades artísticas e arquitectónicas que hoje muito orgulham os vianenses e são motivo de tanta admiração dos visitantes e turistas.

Apesar desta realidade, Viana do Castelo não se pode considerar uma cidade rica em monumentos evocativos e estatuária a ornamentar os seus espaços mais emblemáticos. Se realmente dispõe de alguns exemplares deste género que conferem grande relevo, a sua quantidade fica algo aquém do número que seria de desejar.

---

<sup>1</sup> Investigador da história local.

O mais simbólico destes monumentos é, inquestionavelmente, o **CHAFARIZ DA PRAÇA DA REPÚBLICA**, não só por ser o mais antigo, o mais esbelto e o de mais aprimorado trabalho artístico, mas também porque está implantado na praça que pelo seu notável enquadramento é muito justamente considerada pelos vianenses, desde há cinco séculos, como o seu centro cívico e aprazível sala de visitas.



Este monumental Chafariz de granito que adorna a Praça da República e constitui até o principal ex-libris da cidade, foi precisamente mandado construir pelo senado vianês ao grande mestre canteiro João Lopes (Pai) natural de Moreira do Lima. A primeira vez que a água jorrou no Chafariz da Vila, na então praça denominada Campo do Forno, vinda de uma mina do Lugar de Povoença da freguesia de Areosa, foi no festivo dia do Corpo de Deus, 22 de Junho de 1559.

A elegante peça escultórica que substituiu o velho poço que ficava na Rua do Poço, dentro das muralhas, na função de abastecer a água

potável a toda a população da Vila, é constituída por uma coluna fusiforme, onde se recortam alguns apreciáveis labores de folhas de árvores e falcões, coroado por uma esfera armilar em bronze, com duas taças de cinco e seis carrancas, incluindo a configuração de índios, numa clara alusão aos Descobrimentos, que lançam jorros de água para um tanque assente num gracioso estrado circular elevado por quatro degraus.

Durante os primeiros três séculos de existência do Chafariz, as mulheres que nele iam recolher a água para usos domésticos, transportavam à cabeça um caneco e uma longa cana com os nós furados, ao ombro.

Subiam os quatro degraus, apoiavam os canecos ou cântaros no rebordo do tanque e, por meio da cana, conduziam a água, que jorrava nas bicas para dentro dos recipientes.

Na realidade, só três séculos mais tarde, de Janeiro a Setembro de 1857, já então Viana era cidade há nove anos, com o nome de Viana do Castelo e o antigo Campo do Forno tinha mudado a denominação para Praça da Rainha, é que foram feitas as obras de alteração do Chafariz, as quais constaram da colocação de gradeamento no tanque (para lhe impedir o acesso) e do corte da escadaria em oito pontos, neles sendo colocados outros tantos plintos encimados por artísticos pináculos, tendo ao lado diversos poiais e torneiras para as mulheres recolherem a água de forma fácil e prática.

Assim o Chafariz da Praça da Rainha manteve este aspecto durante 73 anos até que, finalmente, em 1930, já com a praça desde 1910 a chamar-se Praça da República, deixou de prestar a sua missão social de abastecimento de água para consumo doméstico, porque os Serviços Municipalizados dispersando vários fontanários pela cidade, começaram a fazer a distribuição de água ao domicílio e, por isso, foram retiradas as oito colunas<sup>2</sup>, as torneiras e as grades de

---

2 Estas oito colunas encimadas por pináculos do Chafariz da Praça da República foram recolhidas no Horto Municipal, local onde ainda se encontram.

ferros que o cercavam, deixando-o desde então configurado com a silhueta primitiva.

Para a história ficou aquela nota tão pitoresca, vivida durante tantos anos, das mulheres a quem chamavam «Aguadeiras» que tinham por modo de vida fornecer determinada quantidade de água às casas que para tal lhes pagavam, transportando os seus cântaros à cabeça, como também o carinhoso costume dos moços fazerem as suas conquistas ou diariamente acompanharem as suas namoradas que de cântaro ou caneco à cabeça andavam no vai e vem a levar a água do Chafariz para casa.

O chafariz que lhe segue em antiguidade na cidade é o **CHAFARIZ-ESTÁTUA DE VIANA**, em estilo Rococó, implantado no Jardim Público Marginal, inaugurado em 28 de Agosto de 1774.



VIANNA DO CASTELLO - Chafariz da Rua 8 de Maio (hoje demolido) - Fontaine monumentale de la Rue du 8 Mai (démolie)  
791 - Portugal

Foi o Tenente General e Conde de Bobadela, José António Freire de Andrade, ao tempo Governador de Armas da Província do Minho, quem promoveu a sua construção, com a finalidade primordial de

abastecer a água necessária ao consumo doméstico a toda a população da zona, embora também aformoseasse aquele privilegiado espaço da Frente Ribeirinha.

E com este propósito o Conde de Bobadela encarregou da elaboração do projecto, o antigo Ajudante de Engenharia, José Martins da Cruz, natural de Amonde, vicejante freguesia do Vale do Âncora.

Canteiros e hábeis escultores, sob as ordens deste talentoso Engenheiro de Amonde, construíram aquele imponente Chafariz-Estátua de Viana no espaço de cinco meses, em fino granito vindo de Afife, erguendo-o à entrada da então Praça das Couves, mais tarde, em 1867, denominada Rua 8 de Maio, para a partir de 1922, passar a ser designada Rua Gago Coutinho.

Constituindo uma boa peça escultórica, dominada pela figura alegórica de Viana representada por figura feminina, coroada por um castelo, na mão direita a esfera armilar e na esquerda a caravela heráldica, o Chafariz-Estátua de Viana apresenta ao redor quatro plintos, com bustos representativos das quatro partes do Mundo: Europa; Ásia; África e América, alusivas à tradição mareante e mercantil de Viana na gesta dos Descobrimentos e no comércio com os povos de além-mar.

A Estátua de Viana que encima o monumento com mais de dois metros de altura, executada por dois distintos mestres da freguesia de Afife, de largas tradições como berço de prestigiados artífices, assenta numa base quadrada, em que na face da frente, a olhar para as águas do rio Lima, apresenta gravada no granito (embora a tinta desaparecesse) a palavra VIANA, na parte virada a Nascente LITTERIS, na parte voltada a Norte NOTABILIS, e na face para Poente ARMIS. Que justamente expressam: VIANA-LITTERIS-NOTABILIS-ARMIS, a evocar a glorificação de Viana como terra Notável nas Armas e nas Letras.

Por motivos que verdadeiramente se desconhecem mas que muito se prendem com uma flagrantíssima isenção de sensibilidade artística, este elegante Chafariz- Estátua de Viana, em 1864, foi apeado

e removido pedra a pedra, como peça indigna se tratasse, para um montão de destroços acumulados nos fundos de um armazém municipal.

Passado que fora um longo período de quase meio século, sob projecto do reputado artista Jacinto Alves, o Chafariz composto por duas bicas, foi reconstruído em 1912, erigindo-se junto da Casa do Campo da Feira, na actual Alameda João Alves Cerqueira, e aí, nesse local, junto de uns célebres estaleiros navais, se manteve à contemplação de todos.

Por curiosa coincidência, o artista Jacinto Alves, que se notabilizou como Mestre de Escultura, Cerâmica, Desenho e Gravação na Escola Técnica de Viana do Castelo, também era natural de Amonde, a mesma freguesia de José Martins da Cruz, autor do projecto original que, 135 anos antes, concebera a construção do Chafariz-Estátua de Viana.

Vários anos depois, mais precisamente em 1938, este monumento foi transferido para o acanhado Largo de Altamira, actual Largo Amadeu Costa, junto da Ribeira, em local de pouca nobreza que de maneira nenhuma permitia uma boa visualização.

Finalmente, mais de meio século depois, em Janeiro e Fevereiro de 1990, é removido daquele pequeno e inestético Largo de Altamira, para o Jardim Público Marginal, em local fronteiro à Rua Gago Coutinho, apenas uma dúzia de metros ao lado da sua primitiva localização, que tem a particularidade de permitir divisar um dos mais belos enquadramentos arquitectónicos e paisagísticos da cidade, a incluir na sua perspectiva, por entre os canteiros docemente floridos do Jardim, além do Chafariz-Estátua de Viana, num plano superior a artística Capela das Malheiras e, no alto, o Templo-Monumento consagrado ao Coração de Jesus, a coroar o verdejante monte de Santa Luzia.

Dos antigos monumentos ornamentais da cidade, há ainda a assinalar o **CHAFARIZ-ESTÁTUA DE MERCÚRIO**, divindade mi-



tológica do Comércio e dos Viandantes, com data da construção – 4 de Abril de 1840 – gravada no seu fuste.

Obra do distinto Mestre canteiro vianense José Rodrigues Pereira, este Chafariz encimado pela estátua de Mercúrio que fora inicialmente erigida no antigo Largo de Pombal (actual Alameda 5 de Outubro) tinha por função facultar a provisão de água à população e também às embarcações aportadas ao cais fronteiro.

Em 1867, sofreu a primeira mudança, correndo 80 metros mais para Nascente, ficando no Jardim Público Marginal um pouco mais desviado do cais.

Nove anos mais tarde desta mudança, portanto em 1876, foi o Chafariz-Estátua de Mercúrio cercado por grades de ferro e quatro colunas com pináculos, bem assim como poiais e torneiras para a população se abastecer facilmente da água para uso doméstico.

Assim, cercado pelos gradeamentos e quatro colunas com pináculos esteve o Chafariz até 1930, ano em que lhe foram retirados todos

estes elementos acessórios<sup>3</sup>, e lhe conferiram o perfil arquitectónico primitivo.

Mais tarde, precisamente em 1958, foi pela segunda vez este Chafariz mudado, desta feita, para o Largo Vasco da Gama, local onde se encontra presentemente, espaço público que brevemente irá ser reformulado urbanisticamente.

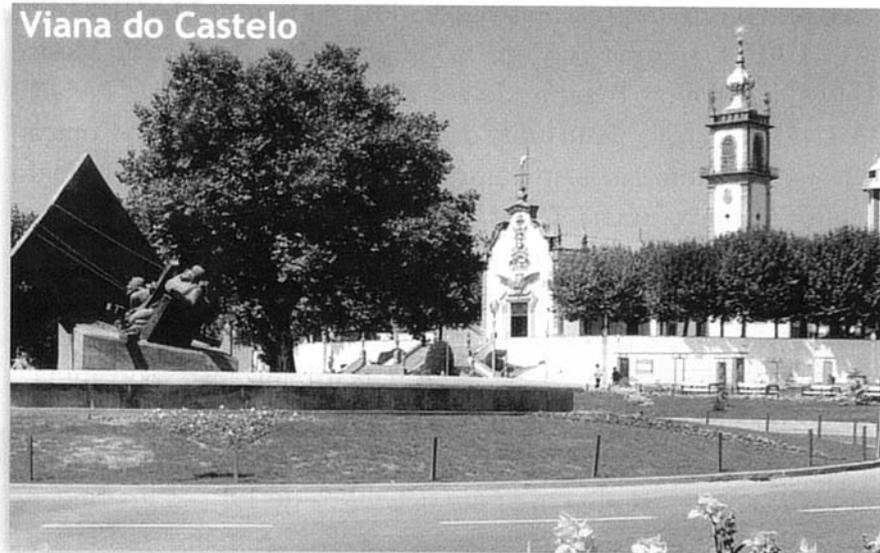
É curioso que se exceptuarmos a menos conseguida **ESTÁTUA DE FAGUNDES**, esculpida em bronze por Joaquim Barbosa em 1958, e erecta inicialmente no Jardim Publico Marginal, mas removida em 1991, como que envergonhada para os terrenos laterais conquistados



ao rio Lima com a reestruturação do Porto de Mar e depois, em 12 de Fevereiro de 2004, para um local mais condigno, ao lado do navio hospital «Gil Eannes», foi preciso esperar mais de século e meio para que na modernidade a cidade construísse o **MONUMENTO AO PES-**

<sup>3</sup> Também estas quatro colunas encimadas por pináculos do Chafariz-Estátua de Mercúrio (menos trabalhadas do que as do Chafariz da Praça da República) foram recolhidas no Horto Municipal, local onde se encontram actualmente.

**CADOR**, obra escultórica em bronze, de grande qualidade artística, da autoria do escultor José Rodrigues, inaugurado oficialmente em 22 de Dezembro de 1989.



Implantado em lugar de destaque na rotunda junto da zona ribeirinha e do santuário da Senhora da Agonia, o Monumento ao Pescador insere-se num conjunto de espelho e jorros de água com a finalidade de manter viva a imagem do Pescador artesanal que estabeleceu ao longo dos séculos a ligação de Viana ao Mar.

Com um custo orçado em 7.000 contos, o seu financiamento foi suportado pelos Estaleiros Navais de Viana do Castelo processado ao abrigo da lei do Mecenato Cultural<sup>4</sup>.

Além destes, existem na cidade alguns outros monumentos evocativos de menor vulto artístico, embora simbolizem valores de alto significado, como: as **COLUNAS COMEMORATIVAS DA**

<sup>4</sup> Por motivo da construção do parque de estacionamento do Campo da Senhora da Agonia e da correspondente reestruturação e valorização urbanística que toda aquela zona beneficiou, cujos trabalhos foram iniciados em Setembro de 2005, foi o Monumento ao Pescador desmontado e depois novamente erguido, em Maio de 2007.

**PONTE DE MADEIRA**, erectas em 1819 na margem do rio, junto ao actual “Cais Viana”<sup>5</sup>; do obeliscal **MONUMENTO AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA**, levantado em 1919 no Largo 9 de Abril; dos bustos em bronze representativos das ilustres figuras **MANUEL ESPREGUEIRA**, colocado no Jardim Público Marginal, obra do Mestre Henrique Moreira, inaugurado em 21 de Agosto de 1936, **PADRE CARNEIRO**, implantado junto do Templo-Monumento do Coração de Jesus, em Santa Luzia, inaugurado em 1 de Julho de 1962, obra do escultor Gustavo Rocha, **CLÁUDIO BASTO**<sup>6</sup>, trabalho do escultor vianense Manuel Rocha, inaugurado em 1986, junto da entrada da Escola Secundária de Santa Maria Maior, **MANUEL COUTO VIANA**, da autoria de Joaquim Barbosa, inaugurado em 11 de Abril de 1992, no Largo Manuel Couto Viana situado na urbanização “Socovina”, **PERO TOURINHO**<sup>7</sup>, erguido na Praça da Liberdade, criação do escultor Luís Ramos de Abreu, natural de Carreço mas radicado em Lisboa, inaugurado em 26 de Setembro de 1992, e finalmente, **AMADEU COSTA**, da autoria de Manuel Rocha, inaugurado em 31 de Março de 2001, no centro da praça cujo topónimo é precisamente Largo Amadeu Costa.

Depois da enumeração destes exemplares, temos a considerar que os monumentos a prestar homenagem erigidos mais modernamente na cidade, são todos da responsabilidade da actual autarquia liderada pelo Dr. Defensor Moura.

A primeira destas obras públicas erguida em memória de um grandioso feito histórico é o **MONUMENTO AO 25 DE ABRIL**,

5 As Colunas Comemorativas da Ponte de Madeira, com inscrições em latim, já estiveram colocadas em diversos locais diferentes embora sempre no alinhamento do local onde existiu a Ponte de Madeira. Quando em 15 de Fevereiro de 1941, um forte ciclone fustigou a cidade, as Colunas foram derrubadas e por esse motivo arrumadas nos armazéns municipais. A sua reconstrução somente ocorreu em 15 de Maio de 1965.

6 Existe uma rua na Abelheira, entre a Rua Francisco Cirne de Castro e a Quelha das Necessidades, que evoca a figura do ilustre médico e publicista vianense Dr. Cláudio Basto.

7 O Monumento a Pêro Tourinho, erguido na Praça da Liberdade, mudou de local, apenas uma dúzia de metros para Nascente, aquando do arranjo urbanístico da moderna praça, concluído em 1 de Novembro de 2006.

na Praça da Liberdade, festivamente inaugurado na noite de 24 de Abril de 1999.

A imponente escultura metálica da autoria do reputado arquitecto José Rodrigues, corresponde pela grandiosidade à vastidão do



cenário onde está implantada, pois com os seus 16 metros de altura e 7,5 de largura, agiganta-se à contemplação do observador em toda a Frente Ribeirinha da cidade, desde a entrada da barra até à Praça da Galiza ou qualquer ponto da Avenida dos Combatentes desde a Estação dos Caminhos de Ferro.

O monumento escultural com iluminação apropriada e centralizado na moderna Praça da Liberdade tem a conferir-lhe atractividade 40 vistosos jorros de água que representam as 40 freguesias do concelho, sendo configurado por um pórtico com duas folhas de quatro metros de largura e um de espessura, abertas para as águas do Lima, pendendo da padieira uma grossa corrente de elos, simbolicamente cortada, ficando quase toda a sua extensão amontoada no chão. Representa a porta que se abriu, com o corte da corrente em

Abril, numa manifesta glorificação da liberdade conquistada com a Revolução dos Cravos, ao fim de quase meio século de ditadura.

O conjunto de peças foram executadas em chapa de aço “Corten A” reforçadas interiormente com uma estrutura metálica. Este aço utilizado na construção do monumento é auto-oxidante, com uma camada exterior ferruginosa que o protege da corrosão e lhe confere longa durabilidade sem necessitar de qualquer manutenção.

Este monumento presta também tributo a todos os homens e mulheres que sempre se distinguiram na luta contra a injustiça e a opressão e se identificaram com os ideais da Revolução do 25 de Abril de 1974, que o monumento celebra e perpetua para a posteridade.

Este simbolismo está registado na base de uma das portas com a legenda subscrita pelo Presidente da Câmara Municipal, Dr. Defensor Moura:

*“Homenagem da Câmara Municipal de Viana do Castelo aos cidadãos que sofreram e morreram vítimas da injustiça e da opressão e louvor à nobre geração de Abril que, há 25 anos, quebrou as correntes e abriu as portas da Liberdade”.*

O segundo monumento evocativo e ornamental erigido pelo actual executivo da Câmara Municipal é o **MONUMENTO A VIANA DO CASTELO**.

Concebido pelo escultor Manuel Rocha, implantado junto da vetusta Torre de Roqueta que deu início ao Castelo de S. Tiago da Barra, é o elemento central da airosa praça construída sob pro-



jecto do arquitecto Paulo Trindade, autor também do pedestal da escultura, espaço este integrado no vasto conjunto de projectos que constituiu a nova Frente Ribeirinha da cidade, gizada pelo arquitecto Fernando Távora.

O admirável monumento escultórico, bem conseguido no enquadramento que se insere, inaugurado a 5 de Outubro de 1999, é constituído por uma estátua de bronze dourado, com cinco metros de altura, assente sobre um pedestal granítico também de cinco metros.



A escultura sugere a imagem de uma mulher, de busto nu, batida pelo vento por estar virada ao mar e apresta-se para ofertar um malmequer com a mão direita a todos quantos entram a barra, segurando na mão esquerda uma pequena embarcação de vela e remos típica dos pescadores da nossa Ribeira.

A terceira peça arquitectural dotada à cidade neste período de tempo, foi o **MONUMENTO AO FOLCLORE VIANENSE**, implantado no Largo da Estação.

Concebido pelo escultor Jaime Azinheira o Monumento de Homenagem ao Folclore Vianense é constituído por duas figuras com cerca de dois metros e meio de altura, em bronze, a encimar um pequeno plinto granítico com a poética frase "*Hei-de voltar a Viana*" colocada na nova escadaria que restituiu aquela praceta o seu elegante figurino primitivo.

Situado em local bem visível, ao centro do Largo da Estação, portanto ao cimo da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, a artéria mais central da cidade, o par de dançarinos envergando o traje vianês, está envolvido num movimentado passo de dança, demonstrando a graciosidade e a magia do "vira" dançado pelas gentes da terra que muito justamente é considerada a capital do folclore de Portugal.

O quarto e último monumento da responsabilidade da actual Câmara Municipal é o **MONUMENTO A D. AFONSO III**.

Este monumento dedicado a D. Afonso III, o rei que atribuiu o Foral de Vila a Viana em 18 de Junho de 1258, criação do escultor Paulo Neves, foi inaugurado em 29 de Outubro de 2004.

Erguida na nova e atractiva praça também denominada Praça D. Afonso III, junto à rampa da Ponte Metálica, a escultura é constituída por 24 blocos de mármore de Estremoz, raiado de rosa, medindo cada um 100x100x50 cm, perfazendo uma altura de 12 metros.

Sem de maneira alguma constituir um número altamente significativo, a verdade é que com a dotação deste conjunto de peças ar-



quitecturais, genuínas referências de qualidade e simbolismo, muito ficou valorizado o património artístico da cidade no que concerne a obras de estatuária e monumentos evocativos que além de ornamentar e atribuir embelezamento aos espaços públicos, simbolizam a glorificação de um passado que muito honra os vianenses.

O Monumento a Pêro Tourinho, erguido na Praça da Liberdade, mudou de local, apenas uma dúzia de metros para Nascente, aquando do arranjo urbanístico da moderna praça, concluído em 1 de Novembro de 2006.